



A visão estereotipada do Brasil no filme Trash – a esperança vem do lixo¹

Murilo Ferreira Santos SILVA²

Daiany Ferreira DANTAS³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN.

RESUMO

Este artigo apresenta discussões sobre a representação da imagem do Brasil, e do brasileiro no filme Trash, dirigido pelo cineasta inglês Stephen Daldry (2014). Como é estruturada e fundamentada em visões preestabelecidas que ocasionam os estereótipos. Mostraremos como essa simplificação se torna falha, e como é utilizada pela grande indústria midiática para formar seus sujeitos. Estudamos a forma que o filme foi construindo, e como suas referências se tornaram importantes nas construções dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Esteriótipos, cinema, Trash, representação simbólica.

TEXTO DO TRABALHO

Estereótipo – a representação falha do indivíduo.

Desde sempre as narrativas e discursos sobre Brasil, constroem pelos olhos dos outros e por si só, imagens que carregam consigo o papel de representar, mesmo que erroneamente, a cultura do país. Sejam elas de um país subdesenvolvido com pessoas pobres e famintas, de mulheres bonitas, de craques de futebol, de floresta tropical, ou de um governo falho e corrupto. A maioria dessas representações caminha para a pejoração do povo brasileiro. Quando muitas vezes, a realidade é bem diferente daquilo que é transmitido. A espetacularização midiática que tenta rotular, tornando mais fácil e compreensível o estilo de vida, a terra, e as pessoas, forma um abismo entre o verdadeiro e o fictício. Deixando a cargo do receptor o julgamento do real e do não-real. Como é abordado por Lippmann:

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: murilo_fsanttos@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Comunicação Social da UERN, e-mail: daianyd@gmail.com.



quando nos aproximamos da realidade, 'não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos'. Aí está o estereótipo: são 'os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas'. Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a 'ver' de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem. (LIPPMANN *apud* BACCEGA 1998, pg8).

Desta forma fica difícil imaginar um modo de se pensar, que vá contra o raciocínio massificado pelos meios de comunicação. A criação desses “rótulos”, como já foi dito, acontece não apenas pela mídia, mas também por aqueles que são rotulados. O sujeito em questão, cuida ele mesmo de formar uma identidade representativa. As baianas por exemplo, que se vestem todas de branco para os turistas tirarem fotos em Salvador. Criam no imaginário de quem não as conhecem, uma figura que sempre ficará ligada a elas, como uma lembrança. De acordo com Pereira:

os estereótipos podem ser caracterizados: 'como artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos'. (PEREIRA *apud* LEITE 2008, pg 154).

Uma propaganda que mostra apenas o que lhe convém, cria um universo imaginário com o intuito de lhe vender uma ideia. E utiliza os estereótipos para se fazer mais facilmente receptiva. Só não esquecendo que essas imagens, figuras representativas, são usadas em larga escala para potencializar uma característica do sujeito, deixando todas as outras em segundo plano. Quando se fala das mazelas do Brasil em uma reportagem, dificilmente estará a imagem de uma praia paradisíaca, com pessoas felizes enquanto tomam sol. A construção da realidade feita pela mídia, se apropria dos costumes dos indivíduos para criar ela mesma, novos estereótipos, que carregam muitas vezes consigo o preconceito.

A passagem entre estereótipo e preconceito se estabelece, segundo Krüger (2004: 37), 'quando estiverem associados a sentimentos, os estereótipos sociais passam a constituir estruturas psicológicas de maior complexidade, caracterizadas como atitudes, preconceitos sociais'. (KRÜGER *apud* LEITE 2008, pg 135).

A grande indústria midiática não se mostra muito interessada em mudar essa visão do indivíduo, do lugar, ou do jeito de agir. Ela se apropria dessas classificações,



mesmo sabendo que não condizem cem por cento com o real. Simplesmente para dinamizar e facilitar a emissão de suas mensagens. Assim como discorre Gomes, “o estereótipo é uma espécie de simplificação modeladora de imagens, fazendo-as estas exprimirem uma solução segura, certamente identificável” (GOMES, 2002, p.33). E dessa forma essas informações são decodificadas e absorvidas mais rapidamente pelos receptores, sujeitos com repertórios naturalmente estereotipados.

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, 'entorta' -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos, juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade. (BACCEGA 1998, pg 10).

Todo esse aparato de informações indutoras estão presente em tudo o que consumimos provenientes dos meios de comunicação. O cinema é um belo exemplo da apropriação dos estereótipos para a transmissão de uma mensagem, de modo instantâneo. Ele cria personagens que supostamente seriam representações da realidade de um determinado povo, mostrando desde a estrutura física, até o modo de se pensar e agir. Ele usa da *licença da ficção* para contar uma história, jogando para o espectador o papel de juiz, de decidir se aquilo é verídico, ou não.

A construção da identidade do Brasil no filme Trash – A esperança vem do lixo.

O filme *Trash⁴ – A esperança vem do lixo* (2014), é uma produção anglo-brasileira ⁵das companhias O2 Filmes, PeaPie Films e Working Title Films, com distribuição da Universal Pictures do Brasil, e dirigido pelo diretor Stephen Daldry⁶, e se baseia no romance homônimo do escritor inglês Andy Mulligan, de 2010. A trama conta a história de três meninos, Gardo (Eduardo Luís), Raphael (Rickson Tevez) e Rato (Gabriel Weinstein), moradores de um lixão localizado no Brasil, que encontram

⁴Trash, significa em inglês Lixo.

⁵Filme produzido pelo Brasil e a Inglaterra.

⁶Dirigiu filmes como Billy Elliot (2000), O leitor (2008), As horas (2002).



por acaso uma carteira onde se esconde um segredo capaz de mudar suas vidas. Toda a trama do audiovisual é permeada por clichês que previamente estão ligados ao povo brasileiro, esteriótipos agregados desde a imagem à música, desde a escolha dos atores a construção dos personagens. Nossa nação é retratada de forma pejorativa, levando em conta todos os aspectos da produção.

As imagens tem o poder instantâneo de nos passar várias mensagens ao mesmo tempo. A direção de *Trash* emprega esse recurso de forma a mostrar um ambiente não muito amistoso para se viver. A construção de lugares que retratam constantemente o oposto modo de vida dos brasileiros, sejam eles na mansão de um deputado, nas casas da favela, ou no lixão cinematográfico construído especialmente para o audiovisual, nos passa a impressão ainda mais acentuada de um país desigual, onde as opções de vidas são escassas, e que não há muita esperança a se ter. E todo esse aparato comunicativo para construir uma realidade que é empregada aquela história. Claro que por se tratar de cinema, e seu objetivo principal é vender a obra, há uma potencialização dessas características que poderiam vir a ser empregadas ao Brasil. Como assinala Barbosa, “o cinema nos proporciona uma percepção subjetiva, oferecendo uma imagem 'reconstruída em função daquilo que o diretor pretende exprimir, sensorial e intelectualmente'” (MARTIN *apud* BARBOSA 2011, pg.3).

A preocupação com a imagem que o filme iria ter para o povo brasileiro, e para os espectadores estrangeiros, parte desde a escolha dos atores principais. Trazendo, Wagner Moura e Selton Mello, dois atores muito conhecidos por fazer cinema dentro do país, atuando como mocinho e vilão na história. A figura dos dois é utilizada dentro e fora da produção. Levando em conta que os próprios cartazes de divulgação do filme mostra-os com ênfase, vendendo assim automaticamente o produto em questão. Deixando de lado os três protagonistas, que naquele momento não chamariam público para as salas de cinema.

A direção do filme se apegou em estereótipos para facilitar, como já foi dito, a transmissão de sua mensagem. Logo, seria mais fácil usar elementos pré-constituídos, do que criar novos. Como traz Santos e Costa em seu artigo, *Cinema Brasileiro e Identidade Nacional: análise dos primeiros anos do século XXI* (2012), “O cinema é produzido através de uma visão, que faz parte de uma sociedade. O ambiente cria identidades e desta forma, as construções produzidas pelos filmes irão criar a identidade do grupo que está representado nela”. E nesse caso, foi utilizado a mesma atmosfera fílmica de “Cidade de Deus”, “Tropa de Elite”, “Estamira”, “Lixo extraordinário”



como bem comenta Schild (2014). Mostrando a violência que está presente no nosso dia a dia, e como ela é tratada por nós e pelos outros. Quais são os nossos atos para mudar esse modo errado de se viver. E como, na visão dos que moram fora do país, deveríamos agir.

São percebidas em toda a história cenas que fazem referência a produções audiovisuais brasileiras de sucesso. Produtos esses que ajudaram a disseminar e construir com mais força os estereótipos que carregamos hoje conosco, como por exemplo: Brasil – favela – violência . Em um dos últimos momentos, o personagem Rafael (Rickson Tevez), uma criança, empunha uma arma em direção a cabeça de um policial corrupto (Selton Mello), ameaçando-o de morte. A cena é dirigida e retratada da mesma forma que vimos anos atrás, em “Cidade de Deus”, onde o personagem Dadinho (Douglas Silva) sorri ao matar um homem. Ângulos, cenários, de ambos os filmes nos trás a forte imagem de uma criança segurando uma arma, pronta para matar outra pessoa.

A violência é apresentada na tela do cinema para impactar o espectador de forma cruel, como é retratado em outro exemplo dentro de *Trash*, no papel do mesmo policial, e do mesmo menino. Instantes antes, o PM tortura o garoto dentro da mala de uma viatura, acompanhado por seus comparsas. Deixando em exposição a “realidade da força policial brasileira”, reforçando novamente os estereótipos já existentes. De acordo com Aparecida é “ importante compreender a violência sem os estereótipos que compõem seu campo, entre os quais podemos citar: ela se daria na periferia, seria praticada por determinadas camadas da sociedade e não por outras etc. Enfim, a realidade não tem a simplificação que os estereótipos nos passam”.(APARECIDA, 1998, pg.11). Logo, a violência não está restrita a um grupo específico de pessoas, e nem é praticada da forma que sempre é mostrada nos filmes que retratam o Brasil, por policiais corruptos e pelos garotos moradores de favelas e de lixões.

o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói o mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, amplificando certos defeitos, propondo um 'contramundo' etc.) (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ *apud* BARBOSA, 2011, p.4).



E esse “contramundo”⁷ é mais comum do que pensamos. Olhando pela visão de quem está fazendo o filme, se não há um ambiente propício para que a história tenha um bom rendimento, seja emocional ou financeiro, é construído automaticamente dentro de seus gigantescos estúdios a realidade que eles querem passar. A partir daí, aquela será a vida real de determinado lugar, para aqueles que não o conhecem de fato. Por exemplo, se uma pessoa que mora na China, Índia, ou Rússia, e não conhece o Brasil de perto, ou nunca ouviu falar dos nossos costumes, ao se deparar com a história mostrada em *Trash*, e como ela foi contada, certamente sua visão do país será deturpada. Não há um repertório suficiente para um outro julgamento. O Brasil será então, na mente daquela pessoa, um lugar de famílias muito pobres, sem nenhum tipo de ajuda governamental, com policiais corrompidos e violentos, e políticos corruptos que lutam pelo seu próprio bem-estar. Como vem trazendo Schild, na matéria “Falso e inconcebível”:

o Rio de Janeiro é enfaticamente valorizado como friendly cenário de estereótipos habituais de periferia: menores abandonados, maiores desassistidos, policiais violentos, gringos de boa vontade, políticos corruptos, agentes penitenciários subornáveis e por aí vai. Não que eles não existam — existem, sim, e aos montes. O que se questiona é a exibição da miséria espetacular desprovida de qualquer fiapo de lógica. (SCHILD, 2014).

A linguagem que eles usam para contar aquela história é facilmente absorvida por já se derivar de outras construções cinematográficas. Ela é montada de forma a não se contradizer. O filme fala da pobreza e da esperança. Dificilmente você irá ver imagens das casas de pessoas de classe médias, ou pessoas sorrindo. Eles utilizaram em todo o produto a contraposição, o muito pobre com o muito rico. As crianças honestas, contra os adultos corruptos. Restringindo as opções de personalidades que possamos vir a pensar. De acordo com SÁ:

A linguagem estrutura a realidade, oferece um símbolo de fácil compreensão em lugar do acúmulo caótico de sons, imagens e movimentos do mundo. A questão é que esses símbolos são arbitrários, podendo, de acordo com diversas circunstâncias, servir para enganar o próprio sujeito com representações falsas da realidade. A linguagem estrutura a realidade que é transmitida à mente, mas também se forma de acordo com outros elementos, como predisposições emocionais, afetivas e mesmo inconscientes. (SÁ, 2004, pg.64).

⁷Ambiente criado dentro de uma produção cinematográfica, tentando representar o mundo em que vivemos, ou outro totalmente novo, formulado para a história em questão.



Restringir a visão, e mostrar apenas o que lhe convém, torna a trama do filme mais absorvível para o espectador. Contudo, esse artifício corta normalmente as partes verídicas da vida real. E nos traz constantemente a questão, “até onde isso é verdade?”. Que só poderá ser respondida pelo conhecimento de fatos que aquela produção apresenta. Nesse caso só os brasileiros saberão de fato que aquela história contada em *Trash*, está cheias de pontas soltas, de mal entendidos, e de construção de uma realidade diferente da que vivemos.

A música na construção dos estereótipos do filme Trash.

O poder que a música exerce sobre nós é visível a qualquer um. Ela nos atinge diretamente no âmbito emocional, trazendo lembranças, recordações de coisas passadas, e vislumbres de momentos futuros. Ela é usada para marcar épocas, e novamente, rotular “tribos”. A música está ligada diretamente à cultura de determinado povo, como se fosse traço de seu DNA. Com ela, características dessas pessoas são passadas de forma audível, e supostamente perceptível para todos que a escutar. Também usada para transmitir mensagens codificadas, implícitas, como forma de questionamento a algo que o compositor acha não está certo, tornando-se um instrumento social de protesto. O cinema se apropria desse argumento sonoro para fortalecer ainda mais seus personagens, e dar um sentido maior a suas histórias, tornando-as mais absorvíveis pelos espectadores. Como assinala Barbosa, “ A música assume uma tarefa importante no cinema, pois aglutina funções estéticas e psicológicas, trabalhando no sentido de aumentar a capacidade expressiva do filme” (BARBOSA, 2011, pg.7). É criado um ambiente som – imagem, que capta a atenção de quem está assistindo.

A internet está cheia de exemplos de filmes com, e sem música. A diferença é estrondosa, como se a imagem naquela produção só fizesse sentido com a trilha contida nela. Completando assim a mensagem que é transmitida. Contudo, essa relação som – imagem é mantida por uma complementação e não por uma dependência. Um não depende do outro para existir. Segundo Rodríguez:



O áudio não atua em função da imagem e dependendo dela; atua como ela e ao mesmo tempo que ela, fornecendo informação que o receptor processará de modo complementar em função de sua tendência natural à coerência perceptiva. Nossos ouvidos não dependem de forma alguma de nossos olhos para processar informação; atuam em sincronia e em coerência com eles. Foram os produtores e estudiosos do som que subordinaram o som à imagem, e não ao sistema perceptivo. (RODRÍGUEZ *apud* ROCHA, 2013, pg.2).

Em *Trash – A esperança vem do lixo (2014)*, a trilha sonora vem para reforçar os estereótipos já construídos e utilizados pela produção do filme na construção social de seus personagens, lugares, e ações. São mostradas músicas já conhecidas pelos brasileiros e comumente usadas em produções audiovisuais para rotular o “tipo de pessoa” que a trama irá mostrar. Um exemplo bem conhecido é a junção da canção "Rap da Felicidade (Eu só quero é ser feliz...)" de Cidinho e Doca, com imagens e vídeos de favela, e nesse caso de pessoas trabalhando em um lixão. O Rio de Janeiro é tratado como território de três tipos apenas dos estilos musicais, o samba, o funk, e o rap. Ritmos esses, que são manipulados com bastante frequência para complementar a figura rotulada do território fluminense.

As restrições imagéticas feitas pelo filme, tende a passar para seu receptor uma visão ainda mais estereotipada da realidade das favelas, dos lixões, e da alta sociedade do município do Rio. Marcada pela música que sempre é empregada a esse nicho de pessoas. A produção aborda as tríades costumeiramente adotadas para representações de seus personagens como: pobre – favela – funk, pobre – lixão – rep. Reforçando, como já dissemos, a construção de um ambiente fictício, empregado aquela história, deixando-a com argumentos fortalecidos. Que pode ou não funcionar, dependendo muito da cena em que esse tipo de música for colocada, e que sentido é empregado a ela naquele momento.

Outro aspecto que podemos observar nesse audiovisual, é o olhar de fora, na criação cinematográfica musical que representaria o Brasil. Entrando em uma oposição ideológica de seus inúmeros estereótipos, o filme traz um policial corrupto, aqui no país, escutaria uma valsa do período romântico ao mesmo tempo que está torturando uma criança na mala de sua viatura. Isso mostra o caráter inverossímil que a produção tomou, tornando-se ao em vez de uma história que se passa na vida real da população brasileira, em uma fábula. Essa característica estrangeira contida na trilha sonora vem



ainda em um ato de “reprodutibilidade técnica”⁸” como diz Benjamin, ao escutarmos um *rep* no começo do filme, com base no concerto para 4 pianos de Johann Sebastian Bach. Schild (2014), fala que a trilha sonora em *Trash* tornou-se “onipresente em nome da construção de um thriller-denúncia-eletrizante”, mostrando o caráter que deveria ser empregado na produção. A direção tentou naturalmente retratar com mais fidelidade os costumes do brasileiro através da música, mas ficou novamente visível que buscaram nos estereótipos, previamente estabelecidos pela grande mídia, base que não se fundamentou.

Brasil, país de estereótipos?

Em nosso país tão diversificado, nos deparamos constantemente com representações falhas do que pode vir a ser um povo, uma “tribo”. Elas são exaltadas e potencializadas pela grande mídia para uma mais rápida absorção pelo receptor. Esses rótulos, colocam no mesmo lugar coisas que podem ser totalmente diferentes. Simplificam a realidade, e acabam perdendo o verdadeiro sentido que o sujeito quer passar. Filme após filme, vemos nosso país sendo apresentada ao mundo da mesma forma, como país de personagens reduzidos a pobres de favelas, policiais violentos, e políticos corruptos. Em *Trash – A esperança vem do lixo*, essa visão é levantada a um nível ainda maior do que o costumeiro. Ambientes que são cada vez menos vistos Brasil, como o grandioso lixão, com casas dentro de um lago cheio de esgoto, onde crianças nadam. Ou a impressão de que para subir na vida aqui, é preciso dar um golpe em alguém, seja ele em pessoas pobres, ou até mesmo em corruptos, como aborda a trama do filme. Deixando a mostra os grandes estereótipos usados na produção.

Trash traria a esperança de um filme novo, com visões diferentes, e pontos de vista singulares do nosso Brasil. Mas o que vimos e ouvimos não passa de mais uma reprodução do que já foi feito, apenas com uma repaginada. O filme finaliza com seus pontos de vista bem apresentados, como na cena em que o personagem de Martin Sheen, um padre caridoso, e Rooney Mara, uma voluntária, ambos estrangeiros, se indignam com a situação em que vivemos no nosso país, e divulga para o mundo uma lista de nomes de instituições governamentais, igrejas, centros esportivos, construtoras,

⁸Termo utilizado pelo filósofo e sociólogo Walter Benjamin em seu livro, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” .



que pagam propina para o político em questão, personagem de Stepan Nercessian. Estruturando novamente os estereótipos tão presentes na representação do povo brasileiro, de pessoas conformadas e acomodadas com a corrupção que assola a nossa terra.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **O estereótipo e as diversidades**. Comunicação & Educação, São Paulo, p. 7 -11, 1998.

BARBOSA, Afonso M. da Silva. **Concepções artísticas de Guel Arraes na construção da trilha sonora e do Nordeste no filme Lisbela e o prisioneiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Pernambuco. pg. 3-7. 2011.

GOMES, P. B. **A formação de visualidade, imaginário e estereótipos**. Revista da Fundarte. Montenegro, ano II, volume II, número 04, jul.–dez. 2002. p.32–40.

LEITE, Francisco. **Comunicação e cognição: os efeitos da propaganda contra-intuitiva no deslocamento de crenças e estereótipos**. Ciências & Cognição. São Paulo, Vol 13. pg. 133-134. 2008.

ROCH, Adriano M. da. **A busca de sons ao redor: uma análise fílmica auditiva**¹. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Amazonas, pg. 2. 2013.

SÁ, Luiz Martino de. **Estética da comunicação**. São Paulo, pg.64. 2004.

SANTOS, Robson Souza dos e COSTA, Felipe da. **Cinema Brasileiro e Identidade Nacional: análise dos primeiros anos do século XXI**. Universidade do Vale do Itajaí. Santa Catarina, pg.8. 2012.



SCHILD, Susana. **Falso e inconcebível.** O globo, Rio de Janeiro, out. 2014. Disponível em: <<http://rioshow.oglobo.globo.com/cinema/eventos/criticas-profissionais/trash-a-esperanca-vem-do-lixo-11391.aspx>> Acesso em: 23 dez.2014.